



A MACACA: QUAL A IDENTIFICAÇÃO DO TORCEDOR NEGRO COM A PONTE PRETA E SUA DEMOCRACIA RACIAL

Guilherme da Silva Lisboa

Eliana de Toledo (orientadora)

Curso de Ciências do Esporte – FCA/UNICAMP

O racismo é um tema ainda presente no futebol, assim como em outros esportes, considerado como um tipo de violência recorrente dentro e fora dos ginásios e estádios, com inúmeros casos relatados todos os anos. Segundo o Relatório da Discriminação Racial no Futebol, em 2017 foram registrados 77 (setenta e sete) casos que envolvem, também, machismo, xenofobia e LGBTfobia em todos os esportes, sendo 51 desses casos ligados com discriminação racial no Brasil (UFRGS, 2018).

A Associação Atlética Ponte Preta (AAPP), fundada em 1900 na cidade de Campinas, já possui sua origem vinculada a um grande ato político para a época, pois, poucos anos após a abolição da escravatura, tinha uma organização formada em grande parte por aqueles que eram marginalizados sociais: os negros. Assim, desde sua fundação, lutou pelas causas sociais e contra o preconceito racial, tema que ainda ocupa suas arquibancadas e as viagens do time pelo país. Ao longo deste período, a alcunha de Macaca simbolizou a construção de identidade da AAPP e a identificação do torcedor Pontepretano.

Historicamente no esporte brasileiro os negros sofrem preconceitos devido a sua cor e são facilmente associados a grandes derrotas do esporte, segundo o site da Ponte Preta (PONTE PRETA, 2019), o clube, que não faz nenhum tipo de distinção ética, tem entre os fundadores negros e mulatos, sendo que um deles, Miguel do Carmo, se tornou jogador titular do primeiro elenco alvinegro, ainda no ano da fundação. A Ponte Preta já requisitou junto à FIFA o reconhecimento internacional por ter sido o primeiro time de futebol do Brasil – e possivelmente do mundo – a aplicar o conceito de democracia racial, levando o título de “1º Democracia Racial” em seu uniforme.

Atualmente o clube possui um presidente negro, e em entrevista para Bruno Carvalho da UOL (2020), ele afirma que:

A Ponte Preta não está imune a esse tipo de contaminação, por mais bonita que seja nossa história. Somos o clube que incluiu negros desde sua fundação. Mas se vivemos em uma sociedade racista, também temos pessoas aqui com compreensões diferentes das minhas sobre essas questões. Ser o único presidente negro da história desse clube é algo que toca muito o meu coração. Remete à minha infância, a todo esse processo de exclusão, que é racial e social em todo o nosso Brasil. (CARVALHO, 2020).

Neste contexto, a pesquisa objetivou analisar o aspecto do preconceito racial no futebol brasileiro, em especial com os torcedores da Associação Atlética Ponte Preta, no qual o apelido do clube é “Macaca” e cuja gestão instituiu a “democracia racial”. Neste sentido, de maneira indireta, almejou-se melhor compreender a trajetória histórica do clube e os casos de preconceito racial no futebol, como, por exemplo, como a torcida lida com as ofensas racistas de seus adversários, além da aceitação e de como a AAPP conseguiu



converter durante a sua história, as ofensas em algo positivo para o clube, transformando isso na sua marca, a Macaca. Assim, o trabalho justifica-se por analisar este tema tão contemporâneo no esporte (o racismo) e na sociedade, a partir das vozes de seus torcedores, numa perspectiva de constituição de uma identidade que se estabelece justamente nas tensões deste racismo.

A pesquisa se caracteriza como um estudo de caso, que, segundo Thomas e Nelson (2002), é um tipo de pesquisa que investiga um caso (fenômeno ou situação) em profundidade para obter uma ampla compreensão, a qual poderá contribuir para explicar casos similares. A abordagem é qualitativa, que, segundo Minayo (2001), trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

A ferramenta utilizada foi o questionário (com perguntas abertas e fechadas), que foi disponibilizado de forma on-line aos torcedores, principalmente pelo momento em que estamos vivendo de isolamento social, o que impediu que ele fosse aplicado nos estádios, nos dias de jogos da AAPP, conforme previsto no projeto. Os critérios de inclusão dessa amostra foram:

- Ser torcedor/torcedora da Associação Atlética Ponte Preta;
- Ser negro/negra;
- Ter idade mínima de 18 anos e máxima de 40 anos.

A amostra foi constituída de 50 torcedores(as), que foram contatados(as) a partir das redes sociais do próprio clube. Os resultados foram tratados pela análise conteúdo de Bardin (2011), que consiste no estabelecimento de um processo de redução das respostas e constituição de categorias, a partir dos dados obtidos.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, com o CAEE: 29858020.4.0000.5404.

Identificou-se que os torcedores da Associação Atlética Ponte Preta, tanto a partir da auto declaração como negros para participar da pesquisa, mas especialmente devido às respostas a questões que envolvem o apelido “Macaca”, percebem que passam por situações e julgamentos de preconceito racial. Preconceitos sofridos como torcedores do clube (“macacada”), advindos da condição social (quando se relaciona a “pobreza” com a raça) e/ou somente à cor da pele, foram os motivos mais mencionados. Assim, categorias como o fenótipo, a identidade negra e a ancestralidade são as características mais citadas quando os torcedores se autodeclaram negros, evidenciando a importância da identificação racial nessa autoafirmação como pessoa negra, mais relacionado com suas características físicas e sociais. Uma categoria foi surpreendente e relacionou-se à ancestralidade, como um aspecto que atravessa o tempo, que se constitui como uma herança étnica e social, e que traz uma missão de luta. Segundo Oliveira (2012):

a ancestralidade torna-se o signo da resistência afrodescendente. Protagoniza a construção histórico-cultural do negro no Brasil e gesta, ademais, um novo projeto sócio-político fundamentado nos princípios da inclusão social, no respeito às diferenças, na convivência sustentável do Homem com o Meio-Ambiente, no respeito à experiência dos mais velhos, na complementação dos gêneros, na diversidade, na resolução dos conflitos, na vida comunitária entre outros. Tributária da experiência tradicional africana, a ancestralidade converte-se em categoria analítica



para interpretar as várias esferas da vida do negro brasileiro. Retroalimentada pela tradição, ela é um signo que perpassa as manifestações culturais dos negros no Brasil.

Tais preconceitos e ofensas que ainda hoje assolam a população negra, foi o motivo pelo qual a Associação Atlética Ponte Preta assumiu o seu apelido de Macaca, como uma ressignificação dessa ofensa, mostrando a população que tal ofensa não soava mais como insulto, mas sim como motivo de orgulho entre os Pontepretanos, sempre evidenciando o apelido em seus cantos e produtos oficiais, criando assim uma identidade muito forte e hoje indissociável entre a Ponte Preta e a Macaca. conforme destacam Pecora e Campineiro (2010):

A própria imprensa na época evitava utilizar o termo, o que começou a ser feito, ainda que timidamente, somente a partir da segunda metade da década de 70. A partir daí o jogo mudou completamente, e a torcida transformou a hostilidade num motivo de orgulho. A Macaca estava aceita e decretada como a nova mascote do clube... O apelido macaca tem origem semelhante ao porco do Palmeiras. Como a Ponte era um clube muito popular, então, tinha gente preta, branca, amarela, azul, de todas as cores. E tinha a raça negra como grande predominância na massa, na geral, daí surgiu "macacada". No começo saía muita briga. Briga feia. Depois não sei quem teve a brilhante ideia de reverter isso e assumir o apelido.

Quando perguntado sobre o motivo da mascote da AAPP ser uma Macaca, os(as) entrevistados(as) tiveram uma grande variação de respostas que foram agrupadas em 6 categorias diferentes: sabem os motivos, não sabem, pelos fundadores, combate ao racismo, fenótipo. A maior incidência concentrou-se na provocação de torcedores rivais, residindo justamente numa perspectiva pejorativa fundada no preconceito racial, pelo perfil do torcedor do clube ser majoritariamente negro, portanto, num tom ofensivo. Um aspecto importante que também foi mencionado é a representação do apelido e da mascote na luta contra o racismo. Uma das respostas que exemplifica o apelido do clube e torcida é a seguinte: "A maior parte de nós torcedores, era/é preto, e sempre chegamos fazendo muita bagunça nas cidades onde jogávamos. O racismo residia na animalização dos pretos felizes com seu time, comparando a macacos selvagens. Soubemos lidar com isso; inclusive é "A" Macaca (não "o macaco") porque o nome do time é feminino "A PONTE PRETA", coisa até hoje rara num ambiente machista."

É possível identificar que a maioria da identificação do torcedor se dá pela representatividade do apelido, mostrando a força em que a Ponte Preta tem nesse combate ao preconceito racial e de como a torcida possui essa ligação com os ideais do clube, contudo, ao mesmo modo que é observado a presença de algo positivo nas respostas como: "Me sinto orgulhoso do time ter pego uma forma pejorativa a qual sua torcida era chamada e torná-la símbolo de união. Além de gostar muito do fato de ser um dos poucos times a ter uma mascote do gênero feminino no país e quem sabe no mundo". É importante ressaltar que alguns torcedores acreditam que o apelido ainda nos dias atuais pode ser um fator para as torcidas adversárias cometerem atitudes racistas.

Nas questões que envolvem a democracia racial, quando perguntado sobre o



conhecimento da democracia racial do clube, os participantes tiveram um amplo conhecimento, já que em suas respostas, 78% comentou sobre a inclusão de negros na Associação Atlética Ponte Preta, seja em seus quadros associativos ou integrando o elenco do time de futebol, como exemplifica a seguinte resposta: “Bom sendo a Ponte Preta clube mais antigo/mais velho em atividade no Brasil (em certo sentido o 1º clube do Brasil), e já em sua fundação no ano de 1900 contado com pelo menos dois jogadores negros, que inclusive assinaram a carta de fundação do clube, não tem como deixar mais claro que a ponte seria a primeira democracia racial do futebol Brasileiro, contando não somente com dois negros jogando em 1900 como também fundando o próprio clube.” Ainda afirmaram sobre o combate ao racismo e o pioneirismo nessa discussão, bandeira sempre levantada pelo clube em suas redes sociais e no seu uniforme de jogo. Apenas 10% dos participantes não souberam responder.

Quando perguntado sobre a manutenção da democracia racial, foi possível identificar a categoria representatividade, como é observada na seguinte resposta: “Sim, considero que a identificação da macaca com as parcelas periféricas e conseqüentemente negras da cidade, tem uma ligação que não há como apagar. Ainda que o futebol brasileiro caminhe para uma elitização, a Ponte deve manter suas raízes”

Ainda que não muito evidente dentro do clube, ela se faz presente, já que o clube faz inúmeras ações de marketing relacionando sua imagem com o título de “1º Democracia Racial do Futebol Brasileiro”. Porém, para aqueles que afirmaram que não se mantêm a democracia racial argumentaram a falta de representatividade, como a presença de poucos negros no quadro de funcionários como se nota na seguinte resposta: “Não mantêm. No momento em que a maioria de associados são de uma elite financeira, branca, que excluí todo o povo do estádio e das atividades do clube (administrativo, votação, construção de chapa...), essa democracia deixa de existir, pois quem tem dinheiro tem poder, e o dinheiro está na mão dos brancos.”

Outra resposta que pode ser ressaltada comenta sobre a associação da Ponte Preta com personalidades que já foram denominadas racistas em algum momento ou não se interessam pela igualdade racial, como destacado a seguir: “Sim se mantêm, mas tem que fazer jus e parar de dar camisa e tirar foto com político que ataca as minorias como foi o caso do Jair Bolsonaro”.

Devido ao racismo e à segregação racial que sempre acompanhou o clube, a fundação dessa Associação Atlética se tornou necessária, pois ela foi ponte para que essa parcela da população pudesse praticar o esporte que mais lhe chamavam a atenção, que era o futebol. Um trecho do livro “Ponte Preta, a torcida que tem um time” (PECORA; CAMPINEIRO, 2010), cita esse movimento político e a força que sempre teve a instituição contra o preconceito racial: “Assumi a cor preta no nome e no uniforme. Levantou uma bandeira. Pediu liberdade a uma cidade conservadora, nada menos que o último município brasileiro a abolir a escravatura.”. Algo que parece presente ainda no perfil e missão do clube e de seus torcedores, no século XXI.

De modo geral, é possível afirmar que a Associação Atlética Ponte Preta faz a manutenção da sua democracia racial, e isso é percebido pelos torcedores entrevistados. A identificação do torcedor negro com o clube ainda se faz presente, fortalecendo a missão e a história do clube neste enfrentamento ao racismo ou ao preconceito racial. E “a macaca” é algo assumido pelos torcedores como parte deste enfrentamento.

Temos como principal perspectiva de continuidade e desdobramentos deste



trabalho a ampliação dos estudos do preconceito racial em relação com o esporte brasileiro, principalmente com o futebol. Além disso, desejamos utilizar essa análise como uma forma de demonstrar um fator histórico presente no esporte e na história deste clube centenário, num tema tão debatido nos dias atuais, e infelizmente ainda tão presente. Que esta pesquisa fortaleça esse enfrentamento e esse debate, e que outros estudos possam ser iniciados a partir deste.

Referências

ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA PONTE PR. **Consciência Negra: Ponte é a primeira democracia racial do futebol brasileiro**. <https://pontepreta.com.br/noticias-detalle/primeira-democracia-racial>, 20 nov. 2015. <https://pontepreta.com.br/noticias-detalle/primeira-democracia-racial>.

CAMPINEIRO, Stephan. **Ponte Preta: a torcida que tem um time**. [S. l.]: Pontes, 2003.

CARVALHO, Brunno. **Minha estratégia é a luta**: único presidente negro nas séries a e b, tiãozinho lidou com racismo na ponte e quer o futebol mais plural. Único presidente negro nas Séries A e B, Tiãozinho lidou com racismo na Ponte e quer o futebol mais plural. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/reportagens-especiais/tiozinho-lidoucom-racismo-na-ponte-preta-e-quer-o-futebol-mais-plural/>. Acesso em: 30 ago. 2020

DO AMARAL, Lucas Vieira. **Tipos de pesquisa em Educação Física**. EFDeportes.com, Revista Digital, Buenos Aires, p. xx, 23 abr. 2012. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd167/tipos-de-pesquisa-em-educacao-fisica.htm>. Acesso em: 11 abr. 2019.

Observatório da Discriminação Racial no Futebol Museu da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. **Relatório da Discriminação Racial no Futebol 2017**

OLIVEIRA, E. D. DE. **FILOSOFIA DA ANCESTRALIDADE COMO FILOSOFIA AFRICANA**:: EDUCAÇÃO E CULTURA AFRO-BRASILEIRA. Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação (RESAFE), n. 18, p. 28-47, 11

PRONI, Marcelo et al (Org.). **Esporte: história e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2002. 248 p.

VIEIRA², José Jairo. **CONSIDERAÇÕES SOBRE PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL BRASILEIRO**¹. Teoria & Pesquisa: Revista de Ciência Política, São Carlos, v. 1, n. 43, p. 221-244, jan-jul. 2003.